

## → Sala de aula

Temas polêmicos geram muitas opiniões e podem influenciar estudantes ainda em formação. Especialistas dizem que essa distorção é bastante comum de se encontrar e, por isso, é necessário saber separar a ciência da militância

# Militância política e ciência separadas

Temas como aquecimento global, sustentabilidade, veganismo, serviço voluntário, luta de classes, proteção da Amazônia, dos povos autóctones e das chamadas minorias (negros, indígenas, homossexuais, mulheres dentre outros), além de críticas a todas as esferas de governo (do município à União) provocam acalorados debates, tanto entre fileiras de intelectuais, quanto fora das universidades. Entretanto, alguns professores de Geografia se confundem e não separam militância política de ciência.

O especialista formador de Geografia do Instituto Qualidade no Ensino (IOE), James Zomighani, alerta, que ao lidar com esses temas na escola, com estudantes ainda em formação, são precisos alguns cuidados. O primeiro deles é a necessária separação entre militância política e ciência.

"A posição política antecipadamente assumida pelo professor - seja ele conservador, liberal ou progressista - não pode ser colocada à frente do conhecimento científico. Por isso, é preciso não se esquecer do objeto de estudo e dos métodos geográficos. Regra geral, essa distorção é mais comum de se encontrar do que se possa imaginar. Malgrado

## → Efeitos

**Seus efeitos são tanto o atraso no ensino de conteúdos relevantes, quanto o comprometimento da aprendizagem**



todos saberem que ética e ensino são pares indissociáveis, tem sido fato comum a abordagem pelos professores de temas polêmicos sem clareza dos objetivos didáticos. Ou, mais grave ainda, sem ter um plano de aula", completou.

Seus efeitos, de acordo com James Zomighani, quase sempre, são tanto o atraso no ensino de temas e conteúdos relevantes para o conhecimento do Brasil e do mundo, quanto o comprometimento da aprendizagem científica e do desenvolvimento intelectual dos

alunos. "Um bom caminho é confrontar as diferentes interpretações científicas existentes. O erro mais comum, a ausência de metodologia, resulta em posicionamento político em defesa da causa, e utilização de todo o tempo da aula com discursos favoráveis ou contrários a ela", destacou.

Desse modo, o especialista lembra que além do enorme desperdício de tempo com aulas expositivas que são pouco produtivas, perde-se a oportunidade de ensinar o aluno a pesquisar, levantar hipóteses, a analisar

e confrontar diferentes posicionamentos. "E, por si só, perceber as potencialidades, falhas ou lacunas entre as diferentes explicações científicas, ou seja, a construir uma visão mais consistente, consciente e crítica em relação ao tema estudado", acrescentou James Zomighani.

O formador de Geografia do IOE ressalta que a sala de reunião, o conselho de classe e a reunião de planejamento, mas, principalmente, a sala de aula, devem ser unidades de espaço e tempo utilizadas de

forma mais consciente e competente, para troca de ideias científicas e humanistas, elaboração de projetos, cooperação didática, enriquecendo conhecimentos e práticas. "Para que diversas habilidades possam ser desenvolvidas no estudante, permitindo-lhe reconhecer, analisar e criticar fatos e processos contraditórios do mundo de forma cada vez mais autônoma e eficaz, mas, rigorosamente, geográfica", frisou.

Para que essas capacidades sejam plenamente conquistadas, os alunos

devem ser estimulados a ler, comparar, analisar, discutir e criticar. "Pode-se, inclusive, misturar e inverter um pouco essa ordem, e criar outros exercícios, não importa. Mas que o potencial criativo dos jovens não seja usado como um depósito de velhas frustrações, desaíchos impertinentes, ou de lutas egoisticamente corporativistas, cuja consequência será apenas a deformação da visão de mundo pela militância política sem foco", orientou James Zomighani.